

## **CINESCOLA: A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL AO ALCANCE DE TODOS<sup>1</sup>**

### *CINESCOLA: AUDIOVISUAL PRODUCTION AVAILABLE TO ALL*

**Dara Luiza Hamann<sup>2</sup>, Gabriel Batista Pfeifer<sup>2</sup>, Luiza de Giacomo Chamis<sup>2</sup>,  
Marcos Vinícius Kontze<sup>2</sup>, Petterson Lucas Vieira<sup>2</sup> e Rosana Cabral Zucolo<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta os resultados do projeto de extensão em Comunicação Comunitária que teve como objetivo incentivar o interesse de adolescentes pelo audiovisual, introduzindo desde noções básicas de roteiro até a execução de um curta-metragem com a câmera filmadora de um aparelho celular. Em uma dinâmica de encontros semanais, envolveu os alunos da turma 73 do 7º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Quintino, em Santa Maria, RS, na busca pelo desenvolvimento do potencial criativo dos estudantes, na produção de roteiros, para a posterior gravação de cenas para a composição do curta-metragem. O projeto é um aspecto diferencial para estes alunos, visto que foge da rotina diária do ambiente escolar, proporcionando uma nova experiência de aprendizagem através do aproveitamento da tecnologia disponível (*smartphones*). Além disso, a atividade proporciona a produção de conteúdo independente.

**Palavras-chave:** comunidade, celulares, cinema, educomunicação.

#### **ABSTRACT**

*This article presents the results of the extension project in Community Communication that aimed to encourage the interest of teenagers in the audiovisual sector, introducing everything from the basic techniques of script writing to filming a short movie with a smartphone camera. In a dynamic of weekly meetings, it involved the students of the class 73 of the 7th Year of Elementary School of Irmão Quintino Municipal School, in Santa Maria, RS, in the search for the development of students' creative potential, in the production of screenplays for the filming of scenes for the short movie. The project is a differential aspect for these students, since it escapes the daily routine of the school environment, providing a new learning experience through the use of the available technology (smartphones). In addition, the activity provides the production of independent content.*

**Keywords:** community, cell phones, movie theater, educommunication.

---

<sup>1</sup> Trabalho oriundo de Projeto de Extensão.

<sup>2</sup> Acadêmicos do curso de Jornalismo - Centro Universitário Franciscano. E-mail: hamann.dara@gmail.com; gbatistapfeifer@gmail.com; luizachamis@gmail.com; marcoskontze@gmail.com; pettersonnalucasvieira@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: rosana@unifra.br

## INTRODUÇÃO

O ensino das artes, embora previsto no currículo dos colégios de ensino médio, ainda é uma área cujas possibilidades são pouco exploradas. Nas escolas públicas, onde os recursos disponíveis são limitados e, em geral, destinados às despesas básicas, torna-se mais difícil recorrer a meios diferenciados para a transmissão do saber artístico. Tal carência de recursos, não raro, dificulta que se proporcione aos estudantes - de forma independente -, um contato direto e frequente com produções audiovisuais, ou mesmo o acesso às novas tecnologias. É o caso da Escola Irmão Quintino com sede na Rua Raineri Danesi, 140, Vila Caramelo, bairro Juscelino Kubitschek, região periférica de Santa Maria, RS, que iniciou suas atividades em 20 de abril de 1968. No currículo, conta com o Ensino Fundamental completo e também recebe alunos no turno da noite, na Escola para Jovens e Adultos (EJA), modalidade Ensino Fundamental, totalizando cerca de 1000 estudantes.

O nível socioeconômico do público atendido pelo educandário é predominantemente baixo. Mais de 80% das famílias recebem renda inferior a três salários mínimos e mais de 90% dos pais de alunos têm escolaridade correspondente ao antigo primeiro grau incompleto”.

Neste cenário, emerge o “CINESCOLA: a produção audiovisual ao alcance de todos” como contribuição de uma iniciativa externa no cotidiano escolar desses alunos, que necessitam de atenção e novas propostas que os conduzam para além do ambiente limitado da sala de aula. Acredita-se que atividades extracurriculares, como a produção audiovisual podem ajudar no desenvolvimento criativo, numa perspectiva a ser mais incentivada na Educação Fundamental.

O projeto desenvolvido na EMEF Irmão Quintino teve por objetivo introduzir a prática audiovisual através da produção de um curta-metragem de caráter fictício sobre uma temática de interesse dos alunos. No decorrer do projeto foram executadas oficinas, dando noções e conceitos sobre produção de roteiro, enquadramento, planos, edição, fotografia, além de outros aspectos da produção audiovisual, considerando-se que, no contexto escolar, atividades que vão além da tradicional aula de quadro e giz são um convite atrativo para a aprendizagem.

## PONTO DE PARTIDA: VÍDEO E CINEMA

Conforme Morán (1995, p. 27), o método da utilização do vídeo no processo de ensino-aprendizagem “aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade”. E em se tratando mais especificamente de cinema, é possível afirmar que ele está presente no cotidiano da grande maioria das pessoas. Seja em DVD, na televisão ou mesmo pela internet, o consumo de filmes é constante. Todavia, seu papel na educação não se resume a entretenimento.

A cultura de valorização do cinema nas instituições de ensino é construída por meio de iniciativas individuais de professores com apoio governamental e não governamental. Segundo Duarte (2009),

esses docentes vêm na exibição e discussão da “imagem em movimento” um potencial para a formação de alunos críticos. Na análise de Duarte:

O cinema está no universo escolar, seja porque ver filmes (na telona ou na telinha) é uma prática usual em quase todas as camadas sociais da sociedade, seja porque se ampliou, nos meios educacionais, o reconhecimento de que, em ambientes urbanos, o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas (DUARTE, id., p. 70).

A autora aponta que, nas últimas décadas, houve um crescimento significativo nas tecnologias de informação. Com isso, aumentou o interesse dos estudantes pelos meios de comunicação - entre eles o cinema -, trazendo-os para dentro da prática pedagógica. Mesmo assim, o consumo de filmes e a disponibilidade dos recursos técnicos não determinam o modo como são utilizados. A valorização desta arte ainda não é suficiente para ser considerada fonte de conhecimento. Ela acrescenta, ainda, que permanece impregnada a ideia de que cinema é diversão:

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. Certamente não há nenhum problema em utilizarmos filmes em nossas aulas. O problema consiste em ignorarmos o valor e a importância deles para o patrimônio artístico e cultural da humanidade (DUARTE, id. p. 71).

Outra questão trazida por Duarte (id, p. 13) é que “o gosto pelo cinema, enquanto sistema de preferências, está ligado à origem social e familiar das pessoas e à prática de ver filmes”. Desta forma, o domínio da linguagem audiovisual é fundamental para se transitar com fluência pelos mais diferentes campos sociais.

## **EDUCOMUNICAÇÃO**

Transformar a informação midiática em conhecimento de conteúdo educacional é o maior desafio da educomunicação. Para Gaia (2001, p. 34), “tanto os alunos quanto os professores estão sujeitos à ação midiática”. Partindo desse pressuposto, a escola precisa assegurar a construção de uma visão crítica que valorize os conhecimentos dos estudantes sobre este campo, ao invés de minimizar a importância dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas.

Gaia considera a educomunicação como uma fonte de aprendizado e não como complemento das demais atividades curriculares:

Professores interessados numa pedagogia que se pretende midiática precisam aprender a utilizar a mídia não como resolução dos problemas impostos pela prática didática, mas como proposta que traga uma fonte de aprendizado a mais para ser trabalhada em sala de aula. Essa visão implica ter uma atitude sem preconceito, não somente porque colabora para desnudar a noção de verdade perpassada pelas mídias e aceita por um expressivo número de cidadãos, mas também porque pensa esse fenômeno como parte da nossa realidade (GAIA, id, p. 35-36).

Apesar dos avanços, a mídia educativa no Brasil é ainda uma área em formação, por isso é necessário repensar a prática pedagógica. No exercício da educomunicação, são fundamentais o planejamento prévio e a definição de metas. A partir daí, é possível estimular a criatividade e participação dos alunos. Concordando novamente com Gaia (id) tem-se como foco o ser humano e não a tecnologia, tendo em vista que o objetivo principal é a contribuição da informação para a construção do cidadão, de modo que ele possa participar de forma ativa e consciente da sociedade na qual está inserido.

Essa interação entre os campos da educação e da comunicação configura-se como fundamental no ambiente escolar. Cabe à escola proporcionar aos estudantes o embasamento para uma análise crítica do que é transmitido através dos meios de comunicação. Segundo Yirula (2011), o papel do professor neste contexto de educomunicação é ordenar e sistematizar as ideias que circulam. A interação, dessa maneira, resultará em novas práticas educativas.

Para Souza (2003), os meios de comunicação são um dos alicerces culturais e ideológicos da formação dos cidadãos. Ele também afirma que a inclusão das mídias digitais na educação tradicional abre portas para novas possibilidades. Sendo assim, é necessária uma reformulação das relações de ensino e aprendizagem, no fazer e no como fazer.

## NOVAS TECNOLOGIAS

Os equipamentos tecnológicos sofreram barateamento e o acesso a eles tornou-se mais fácil. Porém, no contexto escolar, principalmente da rede pública, suas possibilidades não são devidamente exploradas. De acordo com Vieira et al. (2015, p. 1), as tecnologias precisam ser utilizadas “no sentido de estimular a formação crítica, reflexiva e expressiva dos estudantes”. Sendo assim, é essencial discutir as novas formas de educação e aprendizagem. O cenário é de complexidades sociais e culturais, vivenciadas pelos cidadãos hiperconectados. E destacam também a popularização dos dispositivos móveis, no processo de incorporação das novas tecnologias de informação e comunicação na esfera social:

Os dados de uma pesquisa realizada em 2014 revelam que aproximadamente 43 milhões de brasileiros acima de 12 anos acessam a internet por meio de *smartphones* ou *tablets*. Nenhuma tecnologia anterior alcançou uma adesão tão expressiva em um curto período de tempo como as mídias móveis. A partir da interação por meio desses artefatos surge uma nova modalidade de comunicação que reconfigurou a relação entre indivíduo, lugar, tecnologia e informação: a comunicação ubíqua. Na comunicação, essa ubiquidade faz referências aos dispositivos móveis e a interação possibilitada por eles (VIEIRA et al. id, p. 4).

Inserida no modelo de ubiquidade, a aprendizagem vai de encontro ao paradigma da educação formal e linear. Diferentemente, essas novas práticas valorizam o ambiente, a inclusão, a coletividade e a construção da cidadania. Os autores salientam que “a linguagem midiática e as novas tecnologias de informação potencializam os processos de cognição e construção do

conhecimento. O material disponível é abundante e dispõe de inúmeras possibilidades a serem exploradas no contexto educacional. Esses recursos, não podem ser ignorados pelas novas políticas públicas e pelos atores sociais.

Para estes pesquisadores, a desenvolvimento das competências de literacia midiática, possibilita que os indivíduos agreguem novos elementos à sua visão de mundo. Entre eles, “o entendimento das relações sociais e das estruturas de poder, hoje fortemente marcadas pelo desenvolvimento tecnológico e informacional” (Vieira et al. 2015, p. 11). E alertam sobre o risco de compreender os modelos comunicacionais do nosso século a partir de metodologias ultrapassadas. Para eles, não é apenas um equívoco, mas uma escolha que pode ter graves consequências estruturais. Daí a “urgência em capacitar os cidadãos para que possam atuar de forma ativa frente aos desafios impostos pelos novos meios. E isto vale para todas as esferas de relações sociais: famílias, escolas, empresas, política, profissionais das mais diversas áreas, jovens, adultos e idosos” (VIEIRA et al. *Idibidem*).

## **A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL**

A produção audiovisual é um processo que pode levar o indivíduo a descobrir o seu entorno e a si próprio. Para isso, é necessária a criação de narrativas que utilizem uma linguagem complexa e específica por um sujeito, ligado de forma multirreferencial à realidade que o cerca.

Os indivíduos das novas gerações são, ao mesmo tempo, consumidores e produtores de conteúdo. Assim como os vídeos são de fácil acesso, os caminhos para a produção e veiculação de conteúdo audiovisual estão cada vez mais nítidos. As novas ferramentas tecnológicas, entre elas os aparelhos celulares, permitem que diferentes tipos de linguagem sejam integrados ao ciberespaço, possibilitando diversas formas de produção e divulgação de histórias.

Apesar de o desenvolvimento dessas competências ser favorecido para os nativos digitais, existem locais e pessoas que não tem a estrutura de informação e formação necessárias para usufruir de forma positiva dessas tecnologias de produção audiovisual. Nesses casos, como na Escola Irmão Quintino e em tantas outras, existe a carência de fatores fundamentais para o sucesso dessas práticas, concordando novamente com Vieira.

Aprender a usar as novas mídias, a dominar os seus códigos e compreender os riscos e potencialidades que comportam, não só do ponto de vista técnico, mas também cultural e ético, é fundamental para a formação de cidadãos conscientes, que sejam capazes de exercer integralmente seus direitos e deveres (VIEIRA et al. 2015, p. 11).

O potencial dos telefones celulares como ferramenta de inclusão digital e educacional é reconhecido por organismos internacionais como a Unesco e o Banco Mundial, segundo Silva (2013). Todavia, especialmente nas escolas, seu uso é cercado de controvérsias, limitando as iniciativas e discussões para a incorporação desta tecnologia na prática pedagógica formal. Essa situação contri-

bui para o distanciamento do universo cultural dos nativos digitais, dos espaços escolares, quando o objetivo pretendido, na verdade, é a aproximação.

Conforme Peruzzo (1999), educar significa educar para a sociedade e, portanto, para a convivência social e para a cidadania. Cabe às escolas, professores e alunos, refletir sobre o papel dos dispositivos móveis na educação e valorizar as formas de expressão que eles possibilitam, bem como o potencial para a intervenção social e o exercício da cidadania.

## O CAMINHO PERCORRIDO

As atividades desenvolvidas com a turma nº 73, composta por 24 alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental, tiveram o intuito de introduzir as noções básicas da produção audiovisual, proporcionando uma experiência diferenciada daquela que os estudantes vivenciam na rotina escolar. Os encontros foram semanais, às segundas-feiras, das 14h às 15h15, no horário da disciplina de Educação Artística, ministrada pela professora Ladi Mayer Silva, que também é conselheira da turma.

Antes do primeiro contato com a turma, houve uma reunião com a equipe diretiva da Escola Irmão Quintino, para a autorização oficial e início do trabalho. Tal encontro fez-se necessário principalmente pelo método de produção do audiovisual. Todas as imagens, desde os exercícios até a filmagem do curta-metragem, foram feitas com aparelhos de celular dotados de câmera e, nas demais atividades da rotina escolar, esta tecnologia tem o uso proibido.

O primeiro encontro com a turma, em 21 de março, iniciou com uma apresentação informal, entre os acadêmicos de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano e cerca de 25 alunos que compunham a turma 73. Nesse contato inicial, já foi possível perceber a diversidade do grupo. Meninas e meninos, crianças e adolescentes com idades entre 11 e 17 anos e histórias de vida singulares. Em comum, eles tinham a timidez e a apreensão. Afinal, estavam diante de universitários que não conheciam, pelo menos de perto, a rotina da vida numa comunidade afastada do centro da cidade de Santa Maria e em uma escola da rede pública municipal. Não obstante, a receptividade foi positiva.

Foi a vez de explicar o projeto e as atividades que seriam desenvolvidas a partir daquele momento, bem como os objetivos e possíveis resultados do trabalho conjunto. Também foi feito um diagnóstico sobre o nível de conhecimento dos alunos sobre o audiovisual. Constatou-se que a maioria não tinha tido contato com a produção de vídeos, nem havia explorado a ferramenta da câmera do celular para estes fins. Alguns dos estudantes comentaram sobre experiências em peças de teatro e o consumo de filmes e séries.

Ainda nesse dia, a turma foi organizada em quatro grupos, para o desenvolvimento das atividades introdutórias de audiovisual, bem como para a sugestão de temas a serem explorados na gravação do curta-metragem. Entre as propostas, estiveram filmes de ficção, suspense e documentário, com temas relacionados a questões sociais, como o alcoolismo. Desde este primeiro encontro, buscou-se



estabelecer uma relação de confiança, respeito e companheirismo com os alunos, proporcionando autonomia para que eles pudessem participar do projeto, contribuindo com ideias e envolvimento, de acordo com suas preferências.

Nos encontros que se seguiram, semanalmente, foram introduzidos conceitos de roteiro, imagem, planos de gravação, som e domínio da câmera de filmagem e seus recursos, no celular e, também, em um aparelho convencional. As atividades teóricas eram seguidas de exercícios práticos, visando a melhor assimilação por parte dos alunos, tendo em vista que a maior parte do conteúdo que estava sendo ensinado era novidade para eles.

## **OS PERSONAGENS E O CONTEXTO**

O desenvolvimento do Projeto foi marcado por uma série de desafios. Romper a resistência de alguns alunos em participar das atividades, diante da discriminação da turma perante os demais grupos da escola, foi uma tarefa difícil. Por meio do envolvimento nas oficinas e na gravação do curta-metragem, buscou-se promover um comportamento responsável dos alunos.

Uma questão que precisou ser trabalhada desde o início do Projeto foi a educação inclusiva. A turma 73 é integrada por um aluno incluso: Dionathan, que aos 17 anos, mal sabe ler e escrever. Ele é vítima de bullying dos colegas, e a escola, bem como os professores, têm dificuldade em incluí-lo nas atividades do dia a dia escolar. Por meio do projeto, buscou-se envolvê-lo nas oficinas e até mesmo na gravação do curta-metragem, respeitando seus limites e explorando suas capacidades. Dessa forma, mostramos a ele e à turma, o potencial que dispôs para contribuir com o trabalho. Como aluno incluso, Dionathan deve receber tratamento diferenciado, visando a sua “inclusão” e não “exclusão”. O contato pode ser mais difícil do que com os demais estudantes, mas não é impossível. É uma questão de oportunidades que, na maioria das vezes, Dionathan não tem.

A instabilidade é outra marca da 73. A cada semana, chegavam alunos novos e a equipe acadêmica percebia que alguns dos que faziam parte do grupo estavam ausentes. As transferências, expulsões e faltas eram frequentes. Diante dessa realidade, a saída foi sempre adequar as atividades, a fim de que todos os estudantes pudessem acompanhar e obter algum aprendizado com o projeto. O processo de integração foi constante.

## **A GRAVAÇÃO DO CURTA-METRAGEM**

Depois de introduzidos os conceitos e noções básicas sobre audiovisual, os grupos foram convidados a pensar em um tema, história e roteiro que gostariam de gravar. No Laboratório de Informática da escola, as ideias foram colocadas em um documento de texto. Nesta etapa, percebeu-se que muitos alunos apresentavam dificuldades no contato com as máquinas. Tal dificuldade era decorrente

da indisponibilidade desses tipos de equipamentos em casa, bem como do uso restrito em razão de a turma não apresentar bom comportamento, como os próprios estudantes relataram.

Mantê-los concentrados na atividade proposta também foi um desafio. A febre pelas redes sociais desviou a atenção dos alunos, que queriam aproveitar aquela oportunidade única para atualizarem suas informações sobre o que se passava no universo virtual. E, apesar das adversidades, quatro roteiros foram produzidos, mediante orientação e auxílio prestados pelos acadêmicos, desenvolvedores do Projeto.

Dois grupos escolheram o estilo documentário. Um pretendia tratar sobre uma oficina de música ministrada na Vila Caramelo, da qual alguns dos alunos participavam. A outra equipe havia pensado em registrar casos de famílias em que os pais tivessem estudado na Irmão Quintino e, agora os filhos, também estavam construindo o conhecimento neste mesmo colégio. Os outros dois roteiros visavam à produção de curtas-metragens sobre histórias de ficção, ambas do tipo suspense. As quatro sugestões foram colocadas em votação e a escolhida foi a do grupo liderado pela aluna Natália Zampieri, que também se dispôs a atuar como personagem principal da trama.

A partir da definição do roteiro, começou a fase mais interessante do Projeto. Os alunos colocaram em prática aquilo que aprenderam ao longo de dois meses de convívio e contato semanal com a produção audiovisual. Nesta etapa, os grupos de trabalho foram desfeitos e a turma trabalhou em conjunto.

## **O PONTO DE CHEGADA: A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA**

O próximo passo, após a escolha do roteiro, foi a definição dos personagens e das locações. A aluna Natália colocou-se à disposição para desempenhar o papel principal da trama. Ela interpretou a aluna que, durante uma aula da disciplina de Educação Artística, não estava se sentindo bem e precisou sair da sala. Ao ir para o banheiro, percebe que está sendo seguida por alguém. O personagem misterioso é interpretado pelo aluno Álvaro da Costa.

O suspense segue quando, ao utilizar o lavatório do banheiro feminino, Natália vê novamente a imagem do suposto “perseguidor”, refletida no espelho. A construção da cena foi pensada em conjunto e o efeito foi positivo. Preocupada com as visões, Natália não volta para a sala de aula. Prefere ficar no pátio da escola, em um local mais reservado, questionando-se sobre a veracidade daquilo que acabava de presenciar.

Quando o sinal toca e os demais colegas saem para o intervalo, logo percebem o estado emocional de apavoramento de Natália. A tentativa de ajudar é frustrada, pois ninguém acredita no drama vivido por Natália. Para piorar a situação, ela vê que Álvaro está observando-a de perto. Ela se desespera. Foge angustiada da escola e vai em direção à igreja, para buscar auxílio. O templo está fechado e a jovem estudante tenta uma entrada alternativa, quando é perseguida e alcançada.



O desfecho da história se dá quando Álvaro chega até Natália e a pega pelo braço. Nesse instante, a menina é acordada pelos colegas, que percebem que ela estava dormindo durante a aula. Natália sente-se aliviada ao acordar e perceber que está segura e que toda a sua preocupação era apenas parte de um sonho.

## **OS CRÉDITOS DO CURTA-METRAGEM**

Alguns estudantes participaram como atores, outros como produtores, câmeras, auxiliares técnicos e assistentes de produção. O brilho nos olhos ao operar a câmera e ao assistir o próprio desempenho na tela comprova o efeito que o trabalho havia causado na vida nessas crianças e adolescentes.

Os alunos mais tímidos, que preferiram não aparecer nas filmagens, colaboraram nas questões técnicas da produção. Desde o controle da circulação de pessoas nas locações, as falas dos personagens, os planos de gravação e a sequência das cenas contaram com a participação ativa dos estudantes, neste caso, assistentes de produção.

Os atores tiveram um desempenho que superou as expectativas. Os resultados foram além do que os idealizadores do projeto esperavam. Os próprios alunos venceram barreiras durante a atuação, como a timidez, a dificuldade de expressão e a desenvoltura diante da câmera.

## **A EXIBIÇÃO DO PRODUTO FINAL**

No dia 20 de junho, duas semanas após a gravação das cenas finais, o curta-metragem foi exibido na sala de vídeo da Escola Irmão Quintino. O filme foi assistido pela turma 73, pela equipe e pela professora de artes. Além do suspense, foi apresentado um documentário que retrata todo o desenvolvimento do projeto, desde as oficinas até a gravação do curta-metragem.

Os alunos acompanharam atentos a exibição e, durante alguns momentos, demonstraram-se impressionados com os resultados do trabalho realizado em conjunto. A cena do banheiro, onde Natália vê Álvaro posicionado atrás dela por meio do espelho, foi a que chamou mais a atenção.

Os depoimentos coletados para a elaboração do documentário também tocaram os estudantes. Ver-se na tela foi motivo de emoção e também de risos para todos os participantes. As palavras e imagens visualizadas mostraram de forma objetiva e, em alguns momentos, individual, como foi ter participado do projeto “CINESCOLA: a produção audiovisual ao alcance de todos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A execução do projeto foi um grande desafio, diante de uma realidade diferente daquela à qual os estudantes universitários acostumados. A escola de periferia traz uma série de rótulos que podem

ser trabalhados e desconstruídos. Apesar da realidade e das oportunidades serem diferentes para os alunos de escola pública, é possível desenvolver atividades alternativas, neste caso, a produção audiovisual, explorando as potencialidades e a criatividade destes estudantes.

No decorrer da execução do projeto, notou-se um aumento gradativo do interesse dos estudantes em participar das atividades que estavam sendo realizadas. Essa mudança de atitude também foi observada no cotidiano escolar de forma geral. A iniciativa serviu de motivação para os alunos da turma 73 dedicarem-se mais em todos os trabalhos escolares, conforme atestou a supervisora do turno da tarde, Liane Pasetto. Assim, acredita-se que o projeto desenvolvido resultou em interesse e participação maior dos alunos em sala de aula. Beneficiou ambas as partes, professores e alunos, pois foi demonstrado que o ensino pode ser dado de maneira diferenciada e mais ativa, fazendo com que os estudantes prestem mais atenção e demonstrem uma interatividade positiva.

Também foi gratificante oportunizar uma atividade diferenciada para esta turma em particular da Escola Irmão Quintino, proporcionando a criação livre e independente de conteúdo audiovisual, de que eles podem se orgulhar do produto final, em que são protagonistas, na frente e atrás das câmeras.

“CINESCOLA: a produção audiovisual ao alcance de todos” foi de extrema importância e gerou um alto grau de satisfação para todos os envolvidos. Aos acadêmicos foi a oportunidade de estar do “outro lado”, transmitindo aos alunos da 73 os conhecimentos de que dispõem a respeito de produção audiovisual. Ainda vale ressaltar que o percurso, do início ao fim, foi marcado pela troca de experiências.

A partir da teoria e, posteriormente, na prática, desmistificou-se a ideia de que, para se produzir vídeos de qualidade técnica e conteudística, são necessários equipamentos profissionais, de última geração e de valores de mercado que não se enquadram na realidade dos orçamentos das escolas públicas. Construiu-se a concepção de que, apenas com um aparelho celular dotado de câmera fotográfica/filmadora é possível criar material audiovisual de valor.

A experiência obtida nas oficinas de audiovisual e na gravação do curta-metragem possibilitou a compreensão, por parte dos participantes, de que é possível fazer “vídeo” com os recursos que estão disponíveis e são de fácil acesso, como as câmeras dos aparelhos celulares. Alguns dos estudantes inclusive já têm planos para o futuro, planejando a produção de novos curtas-metragens, sobre outras temáticas. O interesse pela produção audiovisual independente foi despertado nos alunos e ampliada no tocante ao grupo de acadêmicos de Jornalismo. Isso por que o projeto oportunizou mais dedicação e aprofundamento nesse campo da comunicação. A semente foi plantada, e os frutos podem ser colhidos em um futuro não tão distante.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & mídias**. Maceió, AL: EDUFAL, 2001.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na Sala de Aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 2, p. 27-35, jan./abr. de 1995.

PERUZZO, Cicília. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comunicação e Informação**, v. 2, n. 2, p. 205-228, jul. 1999.

SILVA, Sandra Rubia. Telefones celulares e a educação para a cidadania. In: 9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 30 de maio a 1º de junho de 2013, UFOP, Ouro Preto/MG. **Anais**. Ouro Preto/MG, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Ni44Gu>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **Comunicação, educação e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Fafic, 2003.

VIEIRA, Soraya Maria Ferreira; ARANTES, João Mateus Cunha Diniz; MOREIRA, Luana Casilho. Fruição do Audiovisual no Ambiente Escolar em Tempos de Hiperconexão. A Apropriação das Linguagens Midiáticas na Educação. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Rio de Janeiro, RJ, 2015. **Anais**. Rio de Janeiro, 2015. 23p. Disponível em: <<https://goo.gl/6KBxdH>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

YIRULA, Carolina Prestes. O que é educomunicação. Blog Além dos muros da escola. In: **Caderno Dia**, 29 de agosto de 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/xRasEf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

